

SOBRE OS MOTIVOS DA AVERSÃO AO MAGISTÉRIO: TESTANDO UMA HIPÓTESE DE ADORNO

John Karley de Sousa Aquino*

Larissa de Freitas Gonçalves*

Jennifer Negreiros Sousa*

Resumo: Em recentes pesquisas se verificou que, mundialmente, a carreira de professor tem despertado cada vez menos interesse. O ensaio do filósofo alemão Theodor Adorno busca explicar os motivos desse desinteresse, porém aponta a necessidade de testar suas hipóteses por meio de pesquisas empíricas. Diante disso, este trabalho pretende, dentro de suas limitações, verificar a validade empírica das hipóteses adorniana da aversão ao magistério. Para este fim, realizou-se o acompanhamento de escolas do município de Itapipoca e a aplicação de um questionário. A análise dos resultados aponta, de um modo geral, que as hipóteses levantadas por Adorno são válidas, apesar de ocorrerem divergências em pontos específicos.

Palavras-chave: Adorno; Magistério; Escola;

Abstract: In recent research has revealed that worldwide the career of teacher has aroused increasingly less interest. The essay of the German philosopher Theodor Adorno seeks to explain the reasons for this disinterest, but points to the need to test their hypotheses by means of empirical research. This study intends, within its limitations, check the empirical validity of the hypotheses adorniana of aversion to the magisterium. To this end, we carried out the monitoring of schools of the city of Itapipoca and the application of a questionnaire. The analysis of the results of the research indicate in a general way that the hypotheses raised by Adorno are valid, despite differences occur at specific points.

Keywords: Adorno; Teacher; School;

INTRODUÇÃO

O professor é um dos protagonistas do processo pedagógico. Profissão ora louvada, ora vilipendiada, o magistério é uma carreira controversa que ao mesmo tempo em que inspira, afasta a juventude. Em recente pesquisa se verificou que a carreira

* Professor EBTT/IFCE (Campus Itapipoca). Doutorando em filosofia pelo programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa Atualidade do Pensamento Político de Herbert Marcuse (GP-MARCUSE UECE) e membro do Grupo de Estudos Marxistas (GEM-UFC) e do Coletivo Centelha (IFCE). E-mail: johnksousa@gmail.com.

* Professora EBTT/IFCE (Campus Itapipoca). Mestre em engenharia civil pelo programa de pós-graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: larissa.de.freitas@hotmail.com.

* Aluna do curso técnico integrado em edificações do Instituto Federal do Ceará (IFCE/Campus Itapipoca). Bolsista PIBIC Jr. E-mail: jennegreiros@outlook.com.

docente tem despertado menos interesse entre os jovens estudantes do ensino médio. Mundialmente apenas 4,2% dos alunos do ensino médio afirmam querer ser professor; no Brasil o desprendimento é ainda maior onde apenas 2,4% dos estudantes de ensino médio, particularmente alunos do 3º ano da educação básica, pretendem ingressar no magistério¹⁹. Enfim, existe um desânimo generalizado pela profissão.

A questão que surge é sobre qual(is) o(s) motivo(s) desse desinteresse pela carreira. Essa questão é o fio condutor do importante ensaio do filósofo alemão Theodor Adorno (1903-1969). O frankfurtiano tenta responder esse problema a partir de algumas conjecturas, porém reconhece o caráter meramente hipotético de suas respostas aos motivos da aversão ao magistério, estas que, segundo o mesmo, deveriam ser posteriormente testadas e se possível comprovadas com pesquisas empíricas²⁰.

O presente artigo é o resultado de um projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Jr (PIBIC Jr.) do Instituto Federal do Ceará (IFCE) que teve como principal referencial teórico as reflexões filosóficas e hipóteses do filósofo Theodor Adorno, sobretudo sua obra *Educação e Emancipação*.

O trabalho pretende, dentro de suas limitações, verificar a validade empírica dessa instigante questão adorniana de que haveria, inconscientemente, uma aversão ao magistério que levaria as pessoas a não se interessarem pela carreira. A fim de investigar essa interessante hipótese, após o estudo bibliográfico iniciamos uma pesquisa de campo *quantitativa-descritiva* com uma amostragem *não aleatória e sim intencional*²¹. Como instrumento de coleta de dados recorreremos a um *questionário* do tipo *estruturado disfarçado* que tenta, através do cruzamento de informações, descobrir a importância de um assunto para a pessoa indiretamente.

O recurso ao questionário para pesquisa de campo possui suas vantagens e desvantagens conforme Carnevalli, Miguel,

As vantagens do uso do método do questionário em relação às entrevistas são: utiliza-se menos pessoas para ser executado e proporciona economia de custo, tempo, viagens, com obtenção de uma amostra maior e não sofre influência do entrevistador. Dentre as desvantagens pode ser citadas: *baixo índice de devolução*, grande quantidade de perguntas em branco;

¹⁹ É o que aponta o relatório *Políticas Eficientes para Professores*.

²⁰ ADORNO, 1995, p. 95.

²¹ CARNEVALLI, MIGUEL, 2001.

dificuldade de conferir a confiabilidade das respostas; *demora na devolução do questionário* e a impossibilidade do respondente tirar dúvidas sobre as questões o que pode levar a respostas equivocadas²².

Dessa forma selecionamos quatro das cinco escolas estaduais situadas no município de Itapipoca que são as seguintes: EEM Joaquim Magalhães, EEFM Anastácio Alves Braga, EEMTI Coronel Murilo Serpa e EEEP Rita Aguiar Barbosa. A escola indígena Broelhos da Terra não foi selecionada devido à distância, o que tornava inviável a ida periódica à instituição. As escolas foram visitadas e acompanhadas durante o período de agosto de 2018 a julho de 2019 e ao final aplicamos um questionário aos agentes implicados no processo pedagógico, a saber, alunos, professores e gestores, no intuito de constatar a veracidade da ideia de Adorno.

Como os motivos da aversão ao magistério são tanto conscientes quanto inconscientes, decidimos como Adorno recorrer ao aparato conceitual freudiano, como forma de entender as manifestações ou encobrimento do inconsciente por parte dos agentes questionados. Segundo o psicanalista Sigmund Freud o *ego* desenvolve como um mecanismo de defesa o recurso às racionalizações, isto é, respostas que encobrem ou dissimulam de maneira inconsciente as respostas ou motivos reais que o sujeito, por exemplo, prefere esquecer ou se envergonha de dizer.

Cientes da possibilidade de respostas racionalizadas, principalmente por parte dos professores, elaboramos um questionário em que as primeiras quatro perguntas referiam-se a importância do professor, sua valorização, etc, questões que a maioria das pessoas tende a responder de maneira padronizada. Afinal, quem irá dizer que a profissão professor não é importante mesmo que ache que não é? As perguntas intermediárias, a cinco e seis, são perguntas menos significativas, estando ali mais para desviar o foco de quem está respondendo, sendo as quatro últimas realmente importantes para nossa pesquisa, pois se referem ao interesse, ou não, pelo ingresso no magistério por parte dos professores e alunos. Nosso objetivo é contrastar as primeiras respostas que acreditamos serem, em geral, positivas, com as últimas que, possivelmente, irão contrariar as primeiras.

I. REFERENCIAL TEÓRICO

²² CARNEVALLI, MIGUEL, 2001.

Propomos neste texto, baseando-se nas ideias contidas em *Tabus acerca do Magistério*, de Theodor Adorno, comprovar a hipótese do autor sobre as aversões direcionadas aos educadores existentes na sociedade por meio das pesquisas realizadas em campo, como orienta o texto base utilizado neste artigo²³.

Tido muitas vezes como pauta de pesquisas e discussões, o magistério constantemente traz todo o seu universo à atualidade com novos questionamentos a serem feitos. A profissão de professor - desde o seu surgimento na Grécia Antiga com os sofistas – foi alvo de menosprezo e julgamentos depreciativos. Xenofonte definiu os sofistas como “prostitutas do saber”. Segundo o discípulo de Sócrates, “se alguém vender, por dinheiro, a sua beleza a quem a quiser, chama-se prostituição, (...). E com a sabedoria passa-se o mesmo: àqueles que a vendem por dinheiro chamam-lhes sofistas (que é o mesmo que prostitutas)”²⁴. Como relata Adorno, diferente do que diz o senso comum, o professor foi historicamente desconsiderado socialmente, não existindo um suposto tempo áureo da docência em que o professor era respeitado e admirado. O professor foi o sofista, o padre do baixo clero, uma profissão feminina (as *normalistas*). A própria palavra pedagogia remete ao desprestígio social. Pedagogo era originalmente o escravo grego que conduzia a criança à escola, literalmente o que conduz a criança (*paidó* = criança; *agogé* = condução).

A ocupação do professor se tornou motivo de repulsa entre os universitários mais qualificados para a atividade, tamanho menoscabo encontrado atualmente. Bem como as motivações psicológicas para esse fato, existem aquelas ligadas à realidade material – como bem colocado por Adorno. Sabe-se que, de acordo com Marx, a realidade material é determinante²⁵ na constituição da consciência. O magistério adquiriu historicamente uma imagem de profissão de fome, baixos salários, trabalho excessivo e de desvalorização de seus esforços, o que contribuiu para que a despeito das políticas de valorização da carreira persistisse a imagem perpetuada ao longo do tempo. Quanto à questão salarial, apesar das melhorias, permaneceu a discrepância em relação às demais, persistindo no imaginário social a imagem de uma profissão mal remunerada.

²³ ADORNO, 1995, p. 95.

²⁴ XENOFONTE, 2009, p. 107.

²⁵ MARX, 2007, p. 39-49.

Quanto às motivações psicológicas, é possível perceber o desprezo social enfrentado por esse profissional nos diversos termos pejorativos atribuídos ao mesmo. Adorno cita em seu texto algumas expressões utilizadas como forma de ofender o professor e que não se distanciam quando se trata do nosso país, apesar dos contextos históricos e espaciais distintos. Além disso, os docentes são, muitas vezes, identificados por seus alunos como substitutos paternos, o que dificulta a distinção entre vida pessoal e vida profissional, de modo que os alunos acabam reproduzindo com os professores a mesma relação ambígua que estabeleceram com seus pais, ou seja, uma relação de admiração e hostilidade, respeito e desobediência,

Os professores têm tanta dificuldade em acertar justamente porque sua profissão lhes nega a separação entre seu trabalho objetivo – e seu trabalho em seres humanos vivos é tão objetivo quanto o do médico, nisto inteiramente análogo – e o plano afetivo pessoal, separação possível na maioria das outras profissões. Pois seu trabalho realiza-se de sob a forma de uma relação imediata (...) ²⁶.

Adorno coaduna com essa relação comportamental entre professor e aluno ao afirmar que aqueles educadores que se comportam de maneira semelhante aos seus educandos passam a desfrutar de maior prestígio por parte desses jovens, os quais deixam de enxergar essa parcela de professores como alvo de rancor e possuidores do autoritarismo responsável pela opressão de seus comportamentos,

No estereótipo de “estar fora da realidade” fundem-se os traços infantis de alguns professores com os traços infantis de muitos estudantes. [...] Talvez seja por isto que os professores que jogam futebol ou são bons de copo sejam tão populares com os alunos, na medida em que correspondem à imagem de mundanidade deles. (...) Reina uma espécie de antinomia: o professor e os alunos praticam injustiças uns em relação aos outros (...) ²⁷.

Trabalhar como professor também significa sofrer certa indiferença, já que outras profissões, por exemplo, médico, engenheiro, advogado etc, são prestigiadas e tidas como mais importantes que a própria docência. Há também a indiferença quanto àqueles que lecionam no primeiro e no segundo grau e àqueles que fazem parte do ensino nas universidades. Para reafirmar esse aspecto vale ressaltar que em algumas sociedades, como a norte-americana e a alemã, o título de “professor” só é conferido àqueles que educam nas universidades. Em inglês, por exemplo, *teacher* é o licenciado que ministra aulas no ensino básico, enquanto *professor* é o professor de nível superior, corroborando, portanto, o texto de Adorno,

²⁶ ADORNO, 1995, p. 111.

²⁷ ADORNO, 1995, p. 108 e 109.

(...) a opinião pública não leva a sério o poder dos professores, por ser um poder sobre sujeitos civis não totalmente plenos, as crianças. O poder do professor é execrado porque só parodia o poder verdadeiro, que é admirado. (...) É digno de nota que os professores que gozam de maior prestígio na Alemanha, ou seja, justamente os acadêmicos universitários, na prática muito raramente desempenham funções disciplinares e, ao menos de modo ideal e para a opinião pública, são pesquisadores produtivos que não se fixam no plano pedagógico (...)²⁸

Tal fato pode ser explicado quanto à forma que a sociedade trata os dois lados de uma mesma realidade: no primeiro caso, apesar de serem tão professores como qualquer um que faz parte do magistério, esses profissionais são vistos como inferiores por trabalharem com crianças e adolescentes. Apesar de possuírem a sua importância, continuam hierarquicamente abaixo dos professores das universidades, que são enxergados como donos do verdadeiro conhecimento e que, por trabalharem com adultos, acabam ofuscando a imagem do professor de primeiro e de segundo grau.

Essas duas extremidades – educação básica e educação superior – são enxergadas de maneiras distintas e, isto posto, tratadas de forma desigual. Tal perspectiva pode ser explicada por meio da carência no incentivo à pesquisa aos estudantes que até então não se encontram na universidade, enquanto o docente assume uma imagem de profissional pouco produtivo e manipulador do seu público. Se esta associação for feita corretamente, é possível perceber que os professores brasileiros desse grau de ensino, junto aos seus alunos, sofrem de certa limitação de liberdade intelectual, já que o apoio ao trabalho científico é escasso e, ao passo dos acontecimentos atuais, tende a diminuir.

No processo educacional, analisando o contexto brasileiro, quando se trata das relações entre professor e aluno é possível notar desavenças entre ambos. De acordo com Adorno, essa relação pode se tornar conflituosa quando o docente é visto como autoritário ou amigável quando o comportamento do profissional se assemelha ao dos discentes. De certo, nota-se equívocos entre as duas partes, como afirmado pelo autor²⁹. Entretanto, essa resistência por parte das crianças e dos adolescentes é vinda de um estereótipo ligado ao professor que foi prorrogado por meio destas relações familiares. Hoje o descrédito do magistério surge também quando os pais prejulgam o educador como um ser alienante, dando propriedade ao discente de continuar a desprezar àquele que compartilha conhecimento. Os educadores que levam em consideração medidas

²⁸ ADORNO, 1995, p. 103.

²⁹ ADORNO, 1995, p. 108-110.

mais diretas, de maneira a impedir reações indesejadas, impondo certo receio aos estudantes, se tornam indiferentes e resultam em obstáculos ainda maiores. À vista disso, a atitude de repreender e discutir é o que o faz um ser mais humanizado, e assim, o afasta de ações que possam vir a distanciá-lo ainda mais de seus alunos,

Assim pode-se notar que não exagerei ao me referir a uma antinomia. A solução, se posso dizer assim, pode provir apenas de uma mudança no comportamento dos professores, eles não devem sufocar as suas reações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando desta forma os alunos. Provavelmente um professor que diz ‘sim, eu sou injusto, eu sou uma pessoa como vocês, a quem algo agrada e algo desagrada’ será mais convincente do que um outro apoiado ideologicamente na justiça, mas que acaba inevitavelmente cometendo injustiças reprimidas.³⁰

Torna-se necessário, também, evidenciar outro importante fator de aversão ao magistério. Tal razão vem sendo mantida de maneira menos evidente. Trata-se da valorização da força e o descrédito da inteligência. Observando a nossa sociedade e a educação oferecida, é possível perceber o enaltecimento de práticas reprodutivistas, onde as crianças desenvolvem maior interesse por brincadeiras que se associem à força física – as “coisas de soldados”, como afirma Adorno³¹. O intelecto, desde o princípio da história do ensino, esteve separado da força. Os grandes guerreiros citados nos livros eram valorizados por suas vitórias em batalhas notáveis e pela agilidade com suas armas, enquanto os professores, lembrados como herdeiros dos escribas, se tornavam cada vez mais desacreditados. Decerto, ao compreender essa questão, é possível entender uma grande problemática de nosso país: a valorização das armas como elemento essencial na vida do povo brasileiro e os ataques à educação, ao mesmo tempo que o processo educacional apenas reproduz as técnicas já existentes.

Todas as crianças revelam afinal uma forte tendência a se identificar com ‘coisas de soldados’, como se diz tão bem hoje em dia; lembro apenas o prazer com que os meninos se fantasiam de cowboys, e a satisfação com que correm ‘armados’ por aí. Ao que tudo indica, eles reproduzem de novo, ontogeneticamente, o processo filogenético, que gradualmente libertou os homens da violência física³².

Um motivo de aversão ao magistério apontado por Adorno que nos chamou atenção foi a de que para as pessoas o professor se associaria a imagem de um sujeito sofrido, de uma vida difícil, dura e *sem prazer*, aparentemente *deserotizado*, ou seja, uma vida pouco ou quase nada erotizada, um sujeito *castrado* do ponto de vista

³⁰ ADORNO, 1995, p. 112.

³¹ ADORNO, 1995, p. 102.

³² ADORNO, 1995, p. 101

psicanalítico, “um ser tendencialmente excluído da esfera erótica”³³. O professor parece não ser um indivíduo feliz e isso afastaria o interesse dos alunos pela docência, afinal, como Freud bem colocou, nosso aparelho mental se orienta originalmente pela busca por prazer e para evitar o desprazer. Se associao a imagem do professor a infelicidade, a castração, acabamos afastando a juventude de qualquer interesse pela docência.

Identificados os motivos da aversão ao magistério no texto de Adorno, iremos apresentar o resultado da nossa pesquisa que visa justamente comprovar essa hipótese.

II. METODOLOGIA

A definição da amostragem, como relatado na introdução, foi realizada em quatro escolas de ensino de segundo grau, sendo uma delas também de ensino técnico. As instituições de ensino selecionadas são da rede estadual do Ceará da cidade de Itapipoca – CE.

As questões foram elaboradas a partir do estudo do Projeto Político e Pedagógico de cada instituição, englobando os principais objetivos que cada documento apresenta, além de questões sobre a profissão de professor e sua desvalorização na sociedade.

Os dados foram coletados da seguinte maneira: as perguntas foram reunidas em três questionários direcionados para três grupos - Alunos, Professores e Gestores. Para cada grupo, foram disponibilizadas dez questões com duas ou mais opções, sendo possível que apenas uma delas fosse marcada. Os questionários foram entregues aos coordenadores responsáveis de cada instituição e depois recolhidos com as vantagens e desvantagens já apontadas por Carnevalli, Miguel³⁴.

No total foram entregues 300 questionários, os quais foram elaborados respeitando a posição de cada grupo, possuindo perguntas gerais e específicas para cada um. Para o grupo **Alunos**: foram disponibilizadas dez perguntas objetivas, em 200 questionários; **Professores**: oito questões objetivas e duas questões abertas, em 88 questionários; **Gestores**: dez perguntas objetivas, em 12 questionários.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

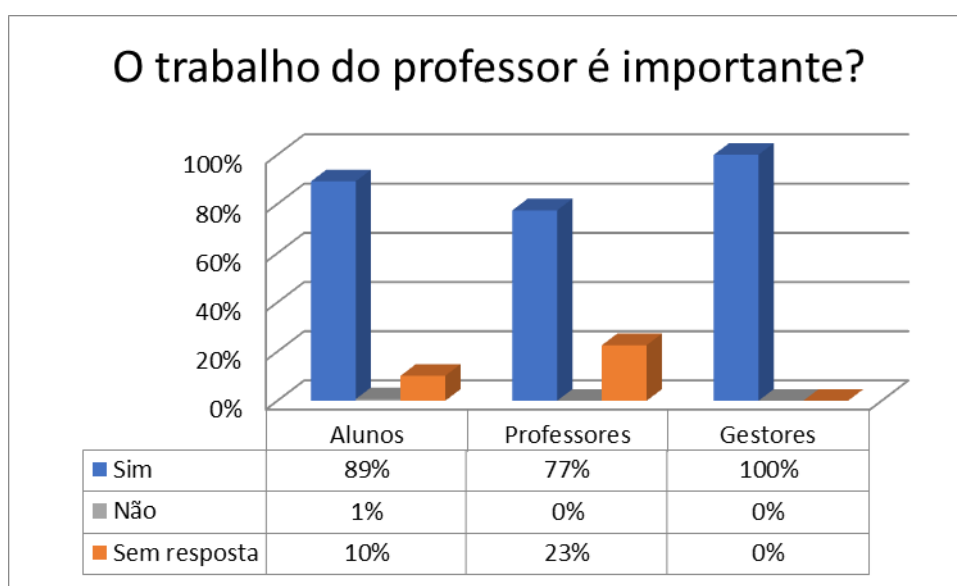
³³ ADORNO, 1995, p. 107.

³⁴ CARNEVALLI, MIGUEL, 2001.

Conforme previsto, no processo alguns questionários não foram repassados pelos coordenadores e a devolução de outros ocorreu sem que estes fossem respondidos. No total, dos 300 questionários fornecidos, apenas 218 foram restituídos. Dos 200 questionários disponibilizados para os alunos apenas 148 foram devolvidos, dos 88 disponibilizados aos professores, 62 foram devolvidos e dos 12 entregues aos gestores apenas 08 foram respondidos e devolvidos.

A primeira pergunta (P1) aplicada a todos os grupos, como esperado, foi respondida positivamente pela maioria, como mostra o Gráfico 1:

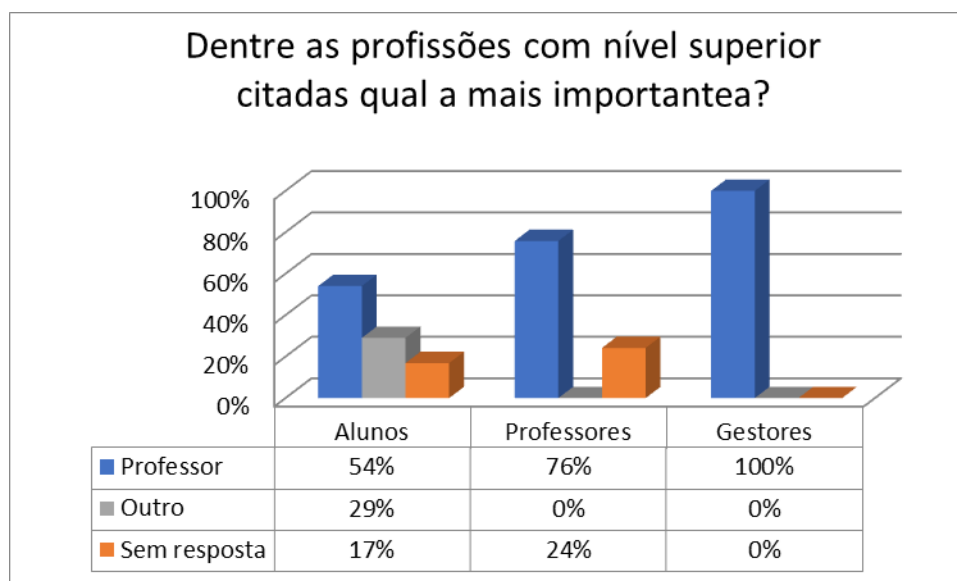
Gráfico 1: O trabalho do professor é importante?



As respostas mostram o consenso que o professor, independente de qual área, é um profissional considerado importante.

A segunda pergunta (P2) cujas respostas foram limitadas a cinco profissões, a saber, “advogado, médico, engenheiro, administrador ou professor”, nos três grupos, a opção professor foi considerada a mais importante em relação às demais conforme o gráfico abaixo,

Gráfico 2: Dentre as profissões com nível superior, citadas, qual a mais importante?



A terceira (P3) e quarta (P4) pergunta dos três questionários eram relativas à questão salarial. A P3 perguntava se os professores deveriam receber melhores salários em que, por unanimidade, foi respondido que sim. A P4 era mais específica, questionamos: “*os professores deveriam receber os mesmos salários de outras profissões com o mesmo nível de ensino como advogado, engenheiro, arquiteto etc?*”, já que dentre as profissões de nível superior o professor é reconhecidamente o que tem o menor salário. Segundo o *Anuário Brasileiro da Educação* com base nos dados coletados pela *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (Pnad), em 2018, o rendimento médio do professor de educação básica graduado equivalia a 69,8% do salário de um profissional com mesmo nível superior. Comparado aos profissionais da área da saúde a diferença salarial é ainda maior, os professores recebem em média apenas 50% do que esses profissionais recebem³⁵.

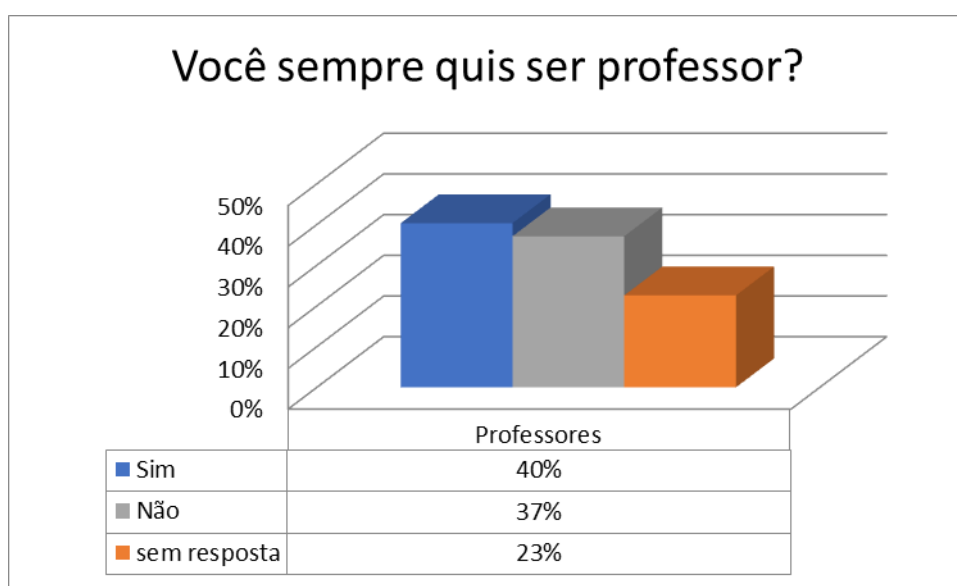
A maioria absoluta dos professores, gestores e alunos concordaram que os professores deveriam sim receber o mesmo salário que as demais profissões de nível superior (84% dos alunos disseram “sim”, dos professores e gestores que responderam todos concordam que os professores deveriam sim receber o mesmo salário que as demais profissões de nível superior). Na sexta pergunta do questionário de professores e gestores (P6) a maioria dos dois grupos se posicionavam favoráveis a greves por melhorias salariais. Dos 48 professores que responderam apenas 03 eram contra a greve, enquanto que dos 08 gestores que responderam essa pergunta, somente 01 era contrário

³⁵ Anuário Brasileiro da Educação, 2019, p. 111.

a greves por motivos salariais. Dentre os alunos, a maioria apoia greves dos professores por reajuste ou aumento salariais (85 apoiam, 37 apoiam com ressalvas, 11 se disseram contra e 15 não responderam).

Enquanto a maioria dos alunos apontaram que a profissão professor é importante e que isso deveria refletir em melhores salários ou igualdade salarial com outras profissões, os mesmos, em sua maioria absoluta (80%), responderam na sétima pergunta (P7) que não querem ser professor, enquanto que apenas 10% desses alunos demonstram interesse pela profissão, dados apontados no Gráfico 3,

Gráfico 3: Você sempre quis ser professor?



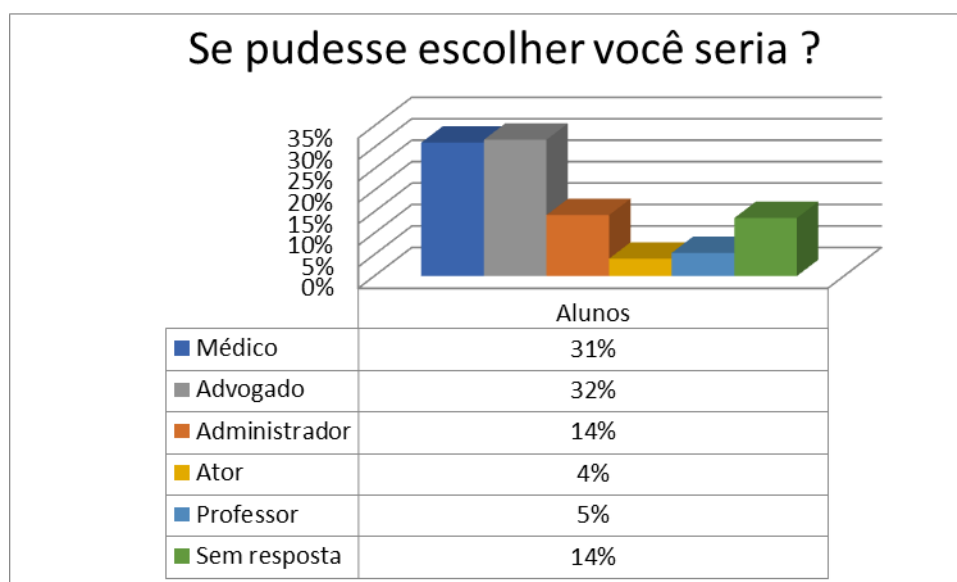
Esses resultados corroboram com a tese de Adorno de que os pré-universitários não se interessam pela docência, assim como aponta a pesquisa feita pela *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico* (OCDE) que apresenta que a indisposição em seguir carreira no magistério é um fenômeno mundial, não especificamente brasileira. O relatório *Políticas Eficientes para Professores*³⁶ constatou que 4,2% dos alunos do ensino médio querem ser professor, enquanto no Brasil apenas 2,4% dos nossos pré-universitários pretendem ingressar no magistério. É visível que o desinteresse pela carreira de professor é geral e pode ser facilmente verificada nos números da ampla concorrência dos vestibulares nas nossas universidades. Tomando a

³⁶ “Só 2,4% dos jovens brasileiros querem ser professor” (<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,so-2-4-dos-jovens-brasileiros-querem-ser-professor,70002364548>).

USP como referência é possível verificar que a concorrência para o vestibular de 2019³⁷ nos cursos de filosofia (licenciatura) e pedagogia foi de 5,13 e 5,43, respectivamente, enquanto que nos cursos de medicina e psicologia a concorrência foi de 115,24 e 61,78, respectivamente, sendo esse um padrão que se repete nas demais universidades públicas do país³⁸. A resposta dos alunos das escolas estaduais de Itapipoca não foge desse padrão de rejeição ao ingresso na carreira do magistério.

Entre os alunos a maioria não considera ser professor preferindo, em caso de escolha, outras profissões de maior prestígio. Na nona pergunta (P9) do questionário aplicado aos alunos obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 4: Se pudesse escolher seria médico, advogado, administrador, ator ou professor?



Das 148 respostas obtidas, apenas 5% (08 alunos) disseram que escolheriam ser professor, 01 aluno a mais do que os que disseram que queriam ser ator (4%), enquanto, por exemplo, 47 disseram querer ser advogado (32%). O resultado demonstra de fato a aversão dos alunos ao magistério, não sendo essa profissão a primeira opção da maioria dos alunos.

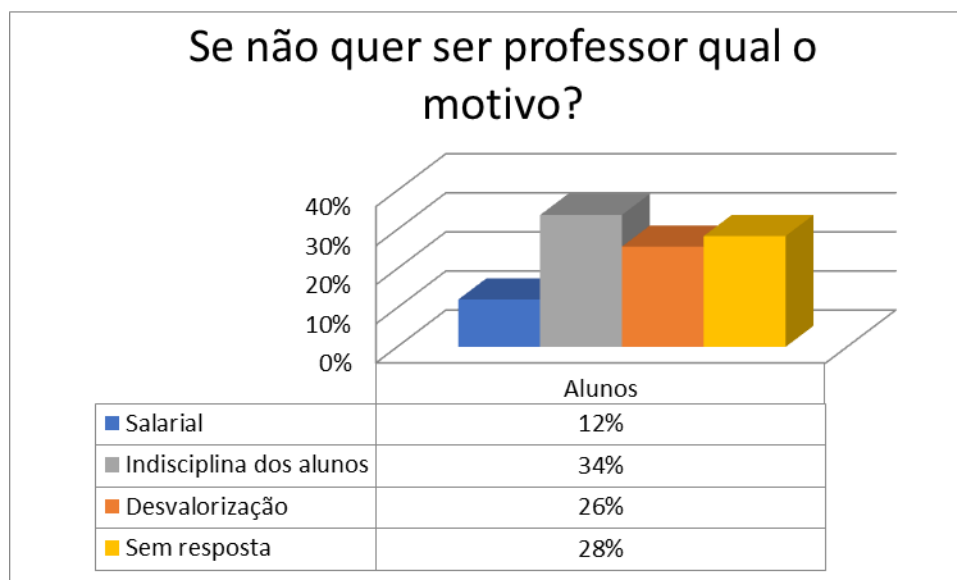
Buscando entender o motivo do aluno não querer adentrar no magistério, realizamos a oitava pergunta (P8). Questionamos aos alunos o seguinte: “*se não quer ser (professor) qual o motivo? Salarial, indisciplina dos alunos, desvalorizado*

³⁷ https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2018/11/relacao_candidato_vaga_completa_2019.pdf

³⁸ Por exemplo, no vestibular de 2019 da UFRGS a concorrência para filosofia foi de 2,48 por vaga e de pedagogia de 3,92, enquanto para medicina foi de 76,4 e psicologia de 25,33 (<https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2019/densidade/>)

socialmente”, no que obtivemos resultados semelhantes ao da pesquisa feita pelo *Todos pela educação* (2018). As respostas obtidas estão contidas no Gráfico 5:

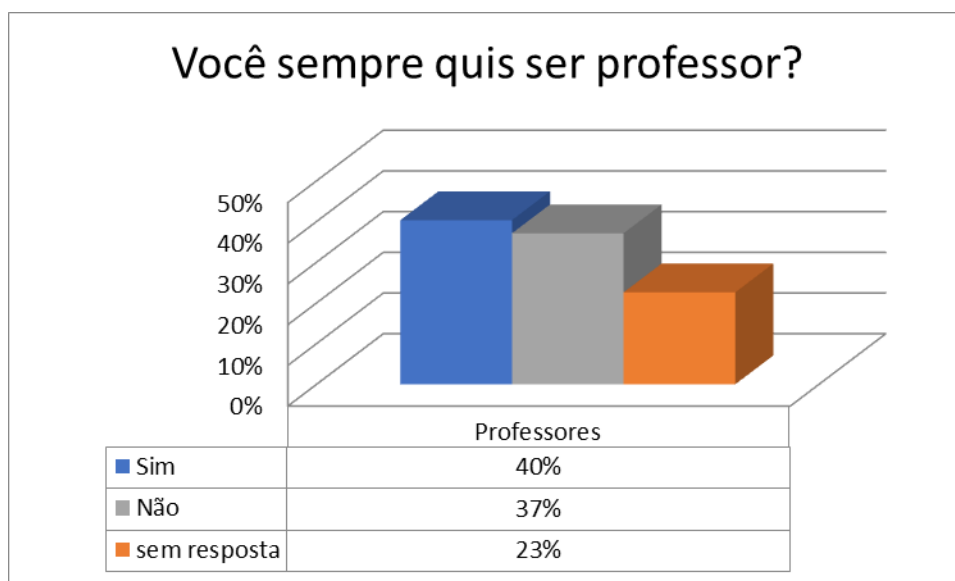
Gráfico 5: Se não quer ser qual o motivo? Salarial, indisciplina dos alunos, desvalorizado socialmente



Para nossa surpresa, já que esperávamos outro resultado, os principais motivos para a falta de interesse dos alunos quanto a profissão professor, não é a motivação salarial, que é o primeiro motivo apontado por Adorno como fator de aversão à profissão, mas fatores mais subjetivos como a própria indisciplina dos alunos e a desvalorização social do professor.

No caso dos professores, a sétima pergunta (P7) questionava: “*sempre quis ser professor?*”,

Gráfico 6: Você sempre quis ser professor? Sim ou não



Dos 48 questionários respondidos, 25 disseram que “sim”, sempre quiseram ser professores, enquanto 23 afirmaram que “não”. Apesar disso é possível perceber que, mesmo entre os professores, não existe convicção na escolha da carreira por meio da oitava questão (P8) sobre “*qual profissão você queria antes de ser professor*”, onde a maioria respondeu médico, advogado e psicólogo, sendo essa questão aberta, ou seja, sem opções. Verifica-se que os professores seguiriam se tivessem opção uma das carreiras ditas de “prestígio” ao invés do magistério. Afirmando o que já era observado por Adorno: a maioria dos professores se tornam professores por falta de opção e não por convicção³⁹.

Resultados semelhantes aos observados em outra pesquisa *Profissão professor* feita pelo *Todos pela Educação* publicada em julho de 2018, onde se constatou que 49% dos professores não recomendam seguir a carreira no magistério para seus alunos, enquanto apenas 23% recomendam⁴⁰.

Na mesma pesquisa também se perguntou aos entrevistados os fatores que os levaram a seguir carreira, onde 34% respondeu que o principal fator era o “*prazer de ensinar/transmitir conhecimento*”, a mesma resposta verificada na nossa pesquisa. A maioria dos professores na nona pergunta (P9) “*Qual o motivo de ser professor? Especifique os dois principais motivos*” respondeu como principal motivo o poder ajudar pessoas e o prazer de ensinar. Neste estudo, acredita-se que a resposta

³⁹ ADORNO, 1995, p. 95.

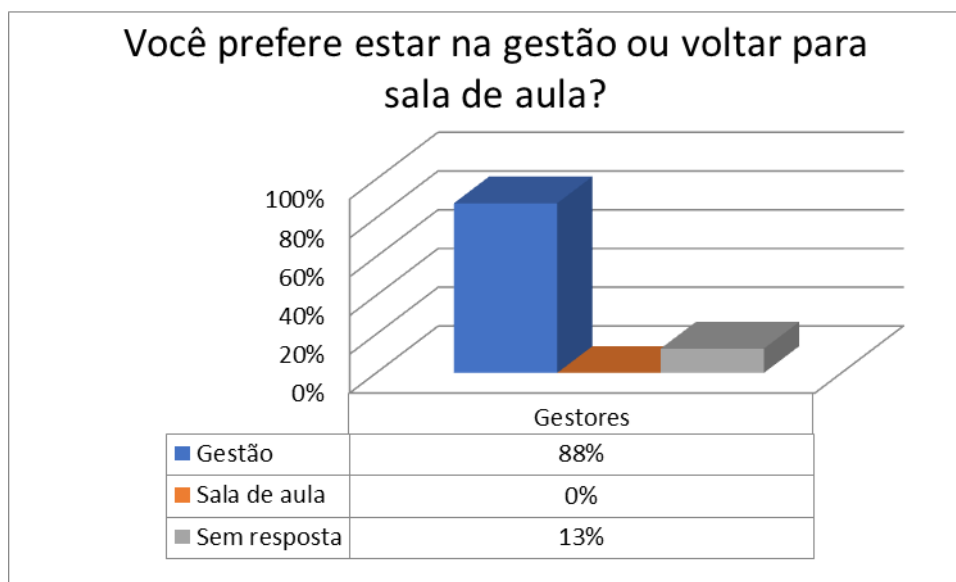
⁴⁰ TODOS PELA EDUCAÇÃO. Profissão professor, julho de 2018. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/23.pdf?750034822>

racionalizada⁴¹ dos professores sobre o motivo de terem ingressado na carreira do magistério não é a principal motivação para a maioria dos licenciados. Racionalização é, na psicanálise, um mecanismo de defesa do *ego*⁴² que visa justificar ou idealizar uma decisão ou pensamento para o próprio sujeito, a fim de tornar essa deliberação ou ideia aceitável para si, escondendo as reais motivações, de modo consciente ou não. Assim, entende-se que aqueles que ingressam nas licenciaturas o fazem por falta de opção, seja por não conseguir passar no vestibular para o curso que realmente deseja ou por saber que não tem condições de concorrer.

Fato confirmado pela pesquisa do *Todos pela educação* (2018) que identificou que 72% dos professores da educação básica são oriundos da escola pública e de origem popular, ou seja, filhos das classes mais baixas da sociedade. Para os jovens de origem pobre e com pais de baixa escolaridade, vindos da escola pública, a profissão de professor se torna uma opção exequível, diferente do ingresso na carreira na área da saúde ou jurídica, de difícil acesso para os alunos da rede pública.

Entre os gestores verificou-se que a maioria prefere estar na gestão a voltar para a sala de aula, como mostra o Gráfico 7,

Gráfico 7: Você prefere estar na gestão ou voltar para sala de aula?



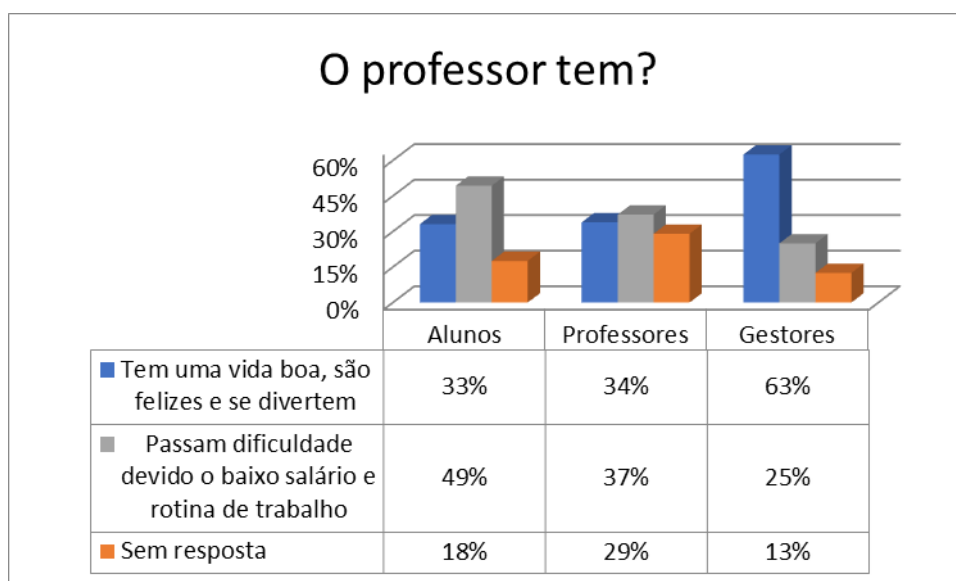
⁴¹ FREUD, 1949, 64-65.

⁴² “Funciona como um dos Mecanismos de Defesa, aos quais o indivíduo recorre para defender-se de perigos reais ou fictícios, cujo objetivo é proteger a integridade do Ego na luta contra ideias ou afetos dolorosos ou insuportáveis” (<https://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2017/02/racionalizacao--joyce-goldstein.pdf>).

Os gestores preferem estar na rotina burocrática, no trabalho administrativo do que fazendo aquilo para o qual se formaram que é ministrar aulas, preparar e corrigir provas, acompanhar alunos etc. Os gestores, pelo que se pode perceber, são professores que não querem voltar a ser professor.

Na última pergunta (P10) do questionário dos três grupos, perguntou-se como consideravam a vida do professor, como aponta o Gráfico 8:

Gráfico 8: Os professores têm uma vida boa, são felizes e se divertem ou passam dificuldades devido o baixo salário e rotina de trabalho?



É notável que, com exceção dos gestores, que são professores que não estão e nem querem voltar para a sala de aula, alunos e professores consideram que os professores não tem uma vida boa, não são felizes e não se divertem, mas que passam por dificuldades devido o baixo salário e rotina de trabalho, comprovando a hipótese de Adorno da imagem do professor como um indivíduo “quase castrado, da pessoa neutralizada ao menos eroticamente, não livremente desenvolvida, esta imagem de pessoas descartada da concorrência erótica (...)”⁴³. Essa imagem gera uma repulsa por parte da juventude e das demais pessoas que, além da aversão, sentem compaixão do professor de vida sofrida e socialmente desvalorizado, conseqüentemente, afastando-os da docência, afinal ninguém quer viver uma vida infeliz e desprazerosa.

As respostas apresentadas comprovam o explícito reconhecimento social do professor, apesar da aversão existente a profissão. Esse apoio à valorização da carreira e

⁴³ ADORNO, 1995, p. 107.

importância da profissão não reflete entre os alunos, assim como entre os professores, a vontade e o propósito de ser professor. Ou seja, verificou-se que, apesar da maioria dos alunos, professores e gestores concordarem que o professor é socialmente importante, que merecem melhores salários e que, entre diversas profissões, ela é a mais importante (um discurso cotidianamente reproduzido), não existe nenhuma disposição entre os jovens de se tornarem professor. Entre os que já são professores nem sempre essa foi a primeira opção de carreira e se pudessem escolher estariam em outra profissão, do mesmo modo que entre os gestores, é unanimidade que estar na gestão é preferível a ter que voltar para a sala de aula. Em conclusão, comprova-se a hipótese de Adorno sobre a aversão ao magistério.

CONCLUSÃO

O Estudo observou que apesar do reconhecimento da importância da profissão e de que ela deveria ser valorizada e receber um salário igual às demais, existe de fato uma antipatia ou desmotivação em relação à profissão, não só entre os alunos, mas também entre os professores e gestores. Os alunos não se interessam por ingressar na carreira, os professores parecem não estar convictos de sua escolha, enquanto os gestores, professores temporariamente fora da sala de aula, preferem o conforto da sala da direção do que o chão da sala de aula.

Observamos que os alunos e os próprios professores consideram a vida do professor uma vida difícil, dura, com pouco prazer, devido à rotina de trabalho, as dificuldades da sala de aula e o retorno financeiro insuficiente. A imagem do professor como o “coitadinho”, que trabalha e faz muito, mas sem nenhum reconhecimento, além das dificuldades aparentemente inerentes à profissão (como baixos salários, desprestígio, condições de trabalhos desfavoráveis e ambiente escolar insalubre), afasta a juventude e desmotiva os atuais professores a permanecerem no magistério. A imagem do profissional cansado, maltratado e desrespeitado pelos alunos e pela gestão, além de não ser reconhecido socialmente, causa uma aversão ao magistério que acaba afastando os bons alunos das licenciaturas e bons profissionais da sala de aula. Uma realidade que precisa urgentemente ser alterada ou continuaremos perdendo bons “cérebros” para outras profissões, comprometendo as nossas escolas com professores que na maioria das vezes estão ali por não conseguirem ingressar em outra carreira ou apenas temporariamente, saindo da sala de aula caso consiga algo melhor. Essa mudança pode

ocorrer através de incentivo à formação continuada, equiparação salarial com outras profissões de nível superior e melhores condições de trabalho, tornando a profissão tão atrativa quanto qualquer outra de nível equivalente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Tabus acerca do magistério*. In: *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

GOLDSTEIN, Joyce. *Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise: racionalização*. Disponível em: <<https://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2017/02/racionalizacao--joyce-goldstein.pdf>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Anuário Brasileiro da educação básica, 2019*. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf>. Acesso em 02 de julho de 2019.

CARNEVALLI, José Antônio, MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick. *Desenvolvimento da pesquisa de campo, amostra e questionário para realização de um estudo tipo survey sobre a aplicação do qfd no brasil*. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2001_tr21_0672.pdf>. Acesso em 02 de julho de 2019.

FREUD, Anna. *El yo y los mecanismo de defensa*. Traducción de Y. O. de Cárcamo y C. E. Cárcamo. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1949.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Tradução de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Profissão professor, julho de 2018*. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/23.pdf?750034822>. Acesso em 02 de julho de 2019.

XENOFONTE. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. Tradução de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2009.

PALHARES, Isabela. *Só 2,4% dos jovens brasileiros querem ser professor*. Estadão, São Paulo, 24 de junho de 2018. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,so-2-4-dos-jovens-brasileiros-querem-ser-professor,70002364548>>. Acesso em 03 de julho de 2019.